



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## AS FACES DA MULHER AMAZÔNICA: AS NARRADORAS VIAJANTES EM ROMANCES DE DALCÍDIO JURANDIR

Alinnie Oliveira Andrade Santos (UFPA/CAPES)  
Orientadora: Profa. Dra. Marlí Tereza Furtado (UFPA)

**RESUMO:** O escritor paraense Dalcídio Jurandir teve sua trajetória literária marcada pela publicação de onze romances, dez dos quais formam o conjunto de narrativas ambientadas na Amazônia, que ficou conhecido como Ciclo do Extremo Norte: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). Com exceção do romance *Marajó*, as demais obras narram a história de vida do menino Alfredo, desde a sua infância em Cachoeira do Arari, seus anos na escola em Belém, até o início da fase adulta quando volta para o meio rural, indo trabalhar na cidade de Gurupá. Mesmo centrado no desenrolar dos dramas do personagem principal e sua relação com as cidades que mora e as pessoas com quem convive, impressiona o grande número de mulheres que colaboram para o desenvolvimento das narrativas, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, mesmo não sendo, em sua maioria, protagonistas dos romances. Dentre essas mulheres, nos chama atenção duas delas de dois romances diferentes as quais, moradoras da periferia de Belém, dividem com Alfredo o protagonismo de tais obras e tomam a voz narrativa para si – que normalmente no Ciclo é em terceira pessoa – ao contar a história de suas viagens pelo interior da Amazônia, são elas: D. Cecé, (de *Passagem dos Inocentes*), que conta a sua fuga da Ilha do Marajó quando jovem e D. Nivalda, (de *Chão dos Lobos*), que, viúva, relembra as viagens que fez com seu marido, comandante de um navio, pelo interior da Amazônia. O presente trabalho, portanto, objetiva analisar o percurso dessas duas personagens nos romances que fazem parte, observando como por meio da narração das suas viagens pela região amazônica, conseguem subverter a ordem social em que estão inseridas. As faces femininas representadas por Dalcídio Jurandir nos ajudam a desvelar a sociedade amazônica do início do século passado e também como essa sociedade foi retratada pela literatura brasileira. Investigar, pois, as personagens femininas dos romances produzidos por Dalcídio Jurandir se faz necessário para se obter uma melhor compreensão de suas obras, as quais possuem como forte aspecto a denúncia social, bem como nos possibilita observar o papel do escritor paraense no contexto da literatura nacional de grande parte do século XX.

Palavras-chave: Amazônia; faces femininas; Dalcídio Jurandir

## **Introdução**

Autor de 11 romances – dez dos quais são ambientados e tematizam a vida e o homem da Amazônia paraense – Dalcídio Jurandir foi um escritor brasileiro consciente de sua escrita e do papel desta na literatura brasileira. Fugindo do retrato da Amazônia feito por grande parte de seus antecessores e sem colocar a natureza à frente do homem da região, o autor paraense rompeu com a tradição literária que ora se perpetuava.

Segundo Marlí Furtado (2010, p. 15), com o ciclo, o escritor paraense rompeu com a tradição literária dessa região, na qual os personagens eram marcados “pelo embate com uma Natureza grandiosa, mítica, na maioria das vezes invencível”, pois nas obras dalcidianas “os personagens eram, em grande parte, pobres e decaídos, produzidos e cerceados pela própria sociedade burguesa em que se inserem (...) corroídos, num ambiente também corroído”.

Em outras palavras, ao compor suas obras, Dalcídio não faz uso exaustivo de elementos recorrentes na tradição literária amazônica, tais como: a grandiosidade da floresta, o cotidiano do ribeirão, mitos e lendas do imaginário amazônico, dentre outros temas. O escritor paraense não focaliza em imagens da natureza da região, mas em personagens derruídos, vivendo em lugares igualmente arruinados.

O próprio Dalcídio Jurandir confirma essa assertiva sobre sua obra em entrevistas que deu à época que finalizava o Ciclo do Extremo Norte, como a seguinte:

Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heroico, o dia-a-dia da vida marajoara, vida que parece tão coisa nenhuma e é, no entanto, tão de todo mundo. Não figurei Marajó como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido. Criei nela o meu universo, a terra encantada, e escrevi com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária. A flauta é tosca, toquei de orelha, mas toquei com sentimento. (Revista Escrita, 1976).

Seus romances são ambientados na Amazônia paraense e apresentam temáticas que envolvem o homem dessa região. Tais narrativas não são independentes entre si, mas, conforme assinala Benedito Nunes,

integram num único ciclo romanesco, quer pelos personagens, quer pelas situações que os entrelaçam e pela linguagem que os constitui, num percurso de Cachoeira na mesma ilha [do Marajó] – cidade de sua infância e de sua juventude – a Belém, onde o autor viveu antes de transferir-se para o Rio de Janeiro. (NUNES, 2009, p. 309).

Willie Bolle considera o Ciclo do Extremo Norte como uma enciclopédia da Amazônia, ambientada tanto no contexto rural, como o urbano, mas com uma forte marca dos hábitos e costumes da periferia:

O cenário da ação dos romances do Ciclo é a região do delta do rio Amazonas. Os três primeiros (*Chove nos Campos de Cachoeira*, *Marajó*, *Três Casas e um rio*), passam-lhe na ilha do Marajó, nas vilas de Cachoeira e Ponta de Pedras e em seu entorno. O quarto romance (*Belém do Grão-Pará*) localiza-se na capital Belém, nos bairros centrais. Os cinco romances seguintes (*Passagem dos Inocentes*, *Primeira Manhã*, *Ponte do Galo*, *Os habitantes e Chão dos Lobos*) passam-se nos subúrbios de Belém. O trânsito de personagens, nesses livros, entre a grande cidade e a ilha do Marajó sublinha o caráter híbrido da cultura da periferia, onde se misturam as formas de vida urbana e ribeirinha. O local do último romance do Ciclo *Ribanceira* (1978) é a vila de Gurupá, situada num ponto estratégico de acesso ao interior da Amazônia.

O tempo da ação dos romances é a década de 1920 a 1930, que foi uma época de crise. A região amazônica sofreu, então, de forma traumática o fim do boom da borracha (1912), entrando numa longa fase de declínio e de estagnação da economia. (BOLLE, 2012, p. 16)

O fato de Dalcídio negar caracterizar sua obra com as duas expressões comumente relacionadas à região amazônica (inferno e paraíso perdido) nos ajuda a perceber tanto que ele tinha conhecimento da tradição dos escritos sobre a região, como também tinha a intenção de se afastar de tal paradigma.

Com exceção de *Marajó*, nove dos dez romances que compõe o chamado Ciclo do Extremo Norte - ***Chove nos Campos de Cachoeira*** (1941), ***Três Casas e um Rio*** (1958), ***Belém do Grão Pará*** (1960), ***Passagem dos Inocentes*** (1963), ***Primeira Manhã*** (1967), ***Ponte do Galo*** (1971), ***Os Habitantes*** (1976), ***Chão dos Lobos*** (1976) e ***Ribanceira*** (1978) – apresentam a trajetória de vida do menino Alfredo desde a sua infância no Marajó, até os estudos em Belém e a chegada da fase adulta em Gurupá.

Esse personagem ao longo de sua jornada se defronta e encontra diferentes sujeitos que impactam sua vida e mudam sua maneira de pensar e, apesar de Alfredo ser o protagonista da maioria dos romances do Ciclo, impressiona o grande número de

mulheres que colaboram para o desenvolvimento das narrativas, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, mesmo não sendo, em sua maioria, protagonistas dos romances.

Dentre essas mulheres, nos chama atenção duas delas de dois romances diferentes as quais, moradoras da periferia de Belém, dividem com Alfredo o protagonismo de tais obras e tomam a voz narrativa para si – que normalmente no Ciclo é em terceira pessoa – ao contar a história de suas viagens pelo interior da Amazônia, como por exemplo, D. Cecé, (presente no quinto romance, *Passagem dos Inocentes*), que conta a sua fuga da Ilha do Marajó quando jovem. O presente trabalho, portanto, objetiva analisar o percurso dessas duas personagens nos romances que fazem parte, observando como por meio da narração das suas viagens pela região amazônica, conseguem subverter a ordem social em que estão inseridas.

#### **D. Cecé**

**Passagem dos Inocentes**, quinto romance do Ciclo do extremo Norte marca a volta do menino de férias ao Marajó, depois de um primeiro contato com a cidade os moradores de Belém. Na cidade de Muaná, se depara com a prima Celeste que será quem lhe acolhe para continuar a temporada de estudos em Belém. Ao longo de todo esse romance, então, teremos Celeste (ou D. Cecé) dividindo o protagonismo da narrativa com Alfredo.

Um aspecto interessante na vida de D. Cecé é que antes pertencia a uma família abastada de Muaná, agora vivia em um barraco na passagem dos inocentes, no bairro do Umarizal, em Belém. No entanto, escondia de todos no Marajó tanto o nome da rua, como a situação degradante na qual vivia:

d. Celeste ocultava o seu endereço em Belém, para se livrar dos abelhudos, principalmente daqueles do interior que, de tanto se meterem, dias, em casa alheia em Belém, já faziam disso um ofício. Esquiva, falava assim:

— Ali, no Umarizal, onde moro, moramos, eu gosto. É na Passagem Mac-Donald. Placa ainda não tem por simples esquecimento da Intendência. Eu é que acabo encomendando uma no armazém do Reduto. Foi já aprovado pelo Conselho Municipal o nome. Nome de um Inglês, morador ali perto falecido. Contam que bebia... Mas era da Port Of. era um engenheiro, sabia, Mac- Donald. Mando fazer a placa no Ferreira Gomes.(JURANDIR, 1963, p. 69)

Como já dissemos, é com ela que Alfredo vai morar quando de volta a Belém e junto com ele o leitor descobre a farsa da moradia de D. Celeste. Enquanto o menino está chegando à casa, a prima relembra quando na juventude fugiu de um baile em Muaná, no Vapor Trombetas.

O motivo do ímpeto da fuga foi a ausência do namorado Antonino Emiliano ao baile. Seria a primeira vez que eles seriam vistos juntos pelas pessoas da cidade e com a aprovação das famílias. Essa ausência despertou nela sentimentos confusos que a fizeram embarcar clandestinamente.

Nos momentos da narrativa em que conta essa viagem, há uma confusão de vozes narrativas, ora em terceira pessoa, ora em primeira, ora discurso indireto livre, ora diálogos, o que nos leva a afirmar que em muitos desses momentos é D. Celeste quem nos conta a história e nos mostra a confusão dos seus pensamentos, dúvidas sobre seu futuro, medo e incertezas sobre o que fez:

Meu Deus, estou mesmo viajando? Aonde? Ainda ontem tão da casa dos meus pais, Celeste Coimbra de Oliveira, tão Cecé. É verdade que seus sentimentos para com Antonino Emiliano perdiam um pouco daquele fervor, aquela obstinação, caíam em quase súbito fastio, um pouco desapontada Bem-bem, não sabia. (JURANDIR, Dalcídio, 1963, p. 90).

Neste medo, vergonha, agonia de abrir a porta! Batesse. Alguém viesse. Neste medo, vergonha, agonia de abrir a porta, sair, aparecer no tombadilho, teria ficado só? Ou desmaiada, levada a outro navio, este, sim, da boiuna? Nem lavar o rosto posso. Estou outra, eu sinto? Perdi tudo ou ganhei? Me perdi ou ainda não compreendo? Que fiz eu mesma de mim? Eu sei? Teria perdido a conta do tempo? Algumas horas me faltam na memória, desmaiei mesmo? (JURANDIR, Dalcídio, 1963, p. 97).

Em meio a dúvidas e incertezas sobre o que aconteceria com ela, a única certeza de Celeste era que essa viagem mudaria definitivamente sua vida. É possível, sendo assim, dividir a personagem em três: a Cecé de Muaná, filha de uma família abastada e importante da cidade; a Cecé a bordo do Trombetas, com um destino incerto e a D. Celeste, moradora de um barraco na Passagem dos Inocentes, em Belém, que lamenta a

sorte do seu presente, saudosa de tudo o que passou e do que poderia ter vivido se tivesse um desfecho diferente.

Fechou a mala, folheou o álbum, folheando antes a lembrança da fuga a bordo que ainda agora lha dá vertigem terror encantamento, na qual se tranca, alheia à barraca, ao marido e filho. “Não fiz esta viagem como era pra ser, dele tinha que voltar outra, que não sou eu.” Voltar sem nenhum vestígio daquela de Muaná, aquela do sobrado e do pé de Antonino Emiliano. Não voltaria nem esta nem a da fuga a bordo, saindo de ambas a terceira, filha da navegação, a Celeste daqueles confins, que não se desencantou. Voltou a que sou eu, não mais de Muaná nem da viagem, perdido o sobrado e o navio, outra sim, mas deste buraco. (JURANDIR, 1963, p. 101).

A confusão de vozes narrativas nos trechos em que a história da viagem é narrada, nos remete a própria confusão de pensamentos e sentimentos pelos quais Celeste estava passando naquele navio. Além disso, a forma como D. Cecé conta sua história, remete também ao curso do rio, o rumo da sua narrativa se assemelha ao trajeto do vapor Trombetas nas águas amazônicas.

Se no momento presente, D. Celeste vive na miséria e sempre saudosa do passado e relembrando com nostalgia sua experiência de fuga pelos rios da Amazônia, de uma forma geral no romance subverte tanto a ordem social, pois foge clandestinamente da sua cidade e de sua família e reluta muito em voltar, como subverte a narração dos acontecimentos, pois toma a voz narrativa para si e conta a sua própria história.

Em relação a Alfredo, D. Cecé é um dos primeiros contatos impactantes do menino com a periferia da cidade e com a ruína de Belém. Se no romance anterior (**Belém do Grão Pará**), Alfredo esperava encontrar a cidade dos tempos áureos da Belle Epoque e acabava se frustrando com isso, em **Passagem dos Inocentes** sua ilusão sobre a cidade cai completamente por terra ao se deparar com a degradação da capital paraense e ter que viver nesse ambiente de miséria.

## Considerações finais

O Ciclo do Extremo Norte, projeto literário arquitetado por Dalcídio Jurandir, objetivava levar hábitos e costumes da Amazônia para o texto literário, sem perder o enfoque a descrição de dramas que poderiam estar presentes em qualquer outra obra, possuindo, assim, um caráter universal.

Apesar de ambientados na região amazônica, os romances de Dalcídio Jurandir narram a vida do homem da região, sem um discurso grandiloquente que oscila entre o inferno verde e o paraíso perdido, nem tampouco mostrando o indivíduo subordinado à terra (esta maior do que ele), mas evidenciam os dramas e problemas dos seus personagens.

Em **Passagem dos Inocentes**, quinto romance do Ciclo e quarto em que mostra a saga de Alfredo, temos uma personagem feminina importante, tanto para essa obra em si, uma vez que seu drama ajuda a construir o enredo da narrativa, como para o desenvolvimento do personagem Alfredo, já que morando com D. Cecé, o menino se depara com uma Belém completamente diferente daquela com a qual ele sonhava quando ainda morava na Ilha do Marajó.

Outro ponto importante que deve ser evidenciado é a forma como D. Cecé narra a história de sua viagem. Como já afirmamos, ela toma a voz narrativa para si ao contar sobre sua fuga. Dessa maneira, subverte a ordem narrativa, pois, não apenas nesse romance, mas como em todos os outros do Ciclo, há a presença constante de um narrador em terceira pessoa, fato que é modificado no caso de D. Celeste.

## Referências

BOLLE, Wille. Uma Enciclopédia mágica da Amazônia? O Ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir. In: LEÃO, Allison (org.). **Amazônia: Literatura e cultura**. Manaus: UEA edições, 2012.

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Campinas: Mercado de Letras, 2010

JURANDIR, Dalcídio. **Passagem dos Inocentes**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

NUNES, Benedito. Conterrâneos. In: \_\_\_\_\_. **A Clave do Poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_ et al. **Dalcídio Jurandir**: romancista da Amazônia. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.